

## **A IMPORTÂNCIA DO LATIM: PASSADO OU PRESENTE?**

Sandra Verônica Vasque Carvalho de Oliveira

resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar pesquisa acerca da relevância do estudo da língua latina nos dias atuais, principalmente em se tratando do seu uso por parte dos estudantes e/ou falantes da língua portuguesa. Apresenta, então, um resumo da origem histórica de nosso idioma e implementa análise e demonstração de vários itens lexicais, tentando expor a relação intrínseca existente entre o latim e o português. Para isso, foi efetivada uma revisão de parte da bibliografia existente sobre o tema, de onde foram coletados dados para comparações e conclusões.

**Palavras-chave:** língua, latim, português, estudo, importância

### **INTRODUÇÃO**

A importância do estudo do latim na atualidade é frequentemente questionada. Existem aqueles que defendem com veemência a relevância do entendimento dessa língua. Por outro lado, outros a vêem como algo do passado, que deva ser pensado como parte da história, mas somente isso. Não percebem a utilidade e presença efetiva do seu uso no dia-a-dia moderno.

Tendemos a achar que o latim, por ser uma língua morta, não tem importância a ponto de fazer parte, por exemplo, de grades curriculares. A obrigatoriedade da língua latina em alguns cursos de graduação é, muitas vezes, examinada. Por que não seria importante o seu estudo?

Para iniciarmos essa reflexão, podemos nos questionar sobre o fato de ser o latim considerado língua morta. O que se entende por língua morta? Podemos dizer que é uma língua que não serve de comunicação para um determinado número de pessoas, para uma comunidade. Não é mais falada.

O latim se enquadra nessa definição. Contudo, ao analisarmos bem a questão, verificaremos que ele pode ser encarado, também, como uma língua viva, já que continua existindo nas línguas neolatinas. Estas não são nada mais do que a evolução daquela. Ou seja, são o latim modificado em sua estrutura, mas, ainda assim, não deixando de apresentar características essencialmente dele. Segundo Elia (1971, p.15), “são um prolongamento no tempo do chamado latim vulgar”.

Se as línguas neolatinas evoluíram do latim e, atualmente, servem de meio de comunicação entre povos (são “vivas”), então, o latim do mesmo modo, está vivo de certa forma. Não podemos duvidar da sua sobrevivência nessas línguas que dele

se originaram. Ele está vivo até mesmo em línguas que não tiveram origem nele, como é o caso do inglês, que apresenta grande parte do léxico com raízes latinas.

E o que dizer da “última flor do Lácio”, cuja formação e evolução apresentam e refletem a história de um povo que conquistou e expandiu sua língua e cultura – o povo romano.

## **DESENVOLVIMENTO**

A história do nosso idioma se funde à história do Latium (Lácio), região central da Itália, onde habitava o povo da Antiga Roma, que tinha como língua o latim e que deu origem ao Império Romano.

A origem da língua latina remonta ao século VII a.C., se enquadrando no período que se inicia com a fundação de Roma até a queda do Império Romano Ocidental. (CARVALHO e NASCIMENTO, 1971)

Com a expansão do Império, a cultura desse povo foi difundida e, muitas vezes, imposta aos povos conquistados. Roma levou, com isso, seus hábitos, valores e, principalmente a língua, a lugares longínquos.

O latim teve origem entre simples pastores e agricultores no Lácio e se tornou língua nacional do Império Romano, ao se mesclar com os falares itálicos, com os quais teve contato. Como qualquer língua, apresentava modalidades distintas, entre as quais, podemos destacar o Latim Clássico e o Latim Vulgar. O primeiro representa o idioma quase sempre escrito, retratado pelos literatos da época. Temos contato, até os dias atuais, com exemplos dessa modalidade, que servem de fonte de inspiração para muitos escritores de nossa época. O segundo era o idioma essencialmente falado por todos de qualquer classe social e com qualquer nível de instrução. Desse último, surgiram as línguas românicas, entre as quais, o português.

Devemos, então, distinguir o latim clássico do vulgar, tomando o clássico como língua literária e escrita que, de acordo com Mottoso Câmara:

Estava sujeito a uma disciplina rigorosa e era tema de atenção por parte dos intelectuais e, mais particularmente, dos gramáticos, que se inspiravam na gramatologia grega. Como uso refletido e aprendido, resistia às forças evolutivas da língua, cingia-se a um padrão escrito, que procurava ser imutável, e prestava-se mal para a vida social corrente, cotidiana. (MATTOSO CÂMARA, 1979, p. 20)

E o latim vulgar, aquele falado por toda a gente de qualquer camada social, o que representava maior diversificação do seu uso. Portanto, dessa modalidade mais suscetível a transformações, evoluíram as línguas neolatinas, como verificamos *in verbis*:

... as línguas românicas provêm do latim vulgar, no sentido relativo de que resultaram de um latim dinâmico, essencialmente de língua oral, em processo de perene evolução. Elementos do latim clássico, que estão nas origens românicas, são os que se integram no processo evolutivo, fazendo-se vulgares. (MATTOSO CÂMARA, 1979, p. 21)

Diante do exposto, podemos inferir sobre a relevância do estudo dessa língua responsável pela formação de tantas outras, inclusive da nossa.

Ao analisarmos mais profundamente a língua portuguesa, nos deparamos com exceções e irregularidades que se mostram como grandes dificuldades. Não conseguimos explicar sincronicamente quais os processos lingüísticos concorreram para que determinados fenômenos ocorressem. Não percebemos o porquê, por exemplo, de os plurais de palavras terminadas com *-ão* variarem entre *-ãos*, *-ães* e *-ões*; não entendemos alternâncias de fonemas em determinadas palavras, assim como não compreendemos muitas outras particularidades do português. Em relação aos diversos plurais de *-ão*, podemos explicá-los, através de exemplos latinos como:

No singular, todos apresentam a terminação *-ão*

1. *leone (m)* > *leon* > *leão*
2. *cane (m)* > *can* > *cão*
3. *manu (m)* > *mão*

No plural, o *n* intervocálico nasaliza a vogal anterior e as desinências de plural preservam-se, originando os três tipos de plural.

1. *leones* > *leões*
2. *canes* > *cães*
3. *manus* > *manos* > *mãos*

Como se vê, o estudo do latim tem a capacidade de ajudar a esclarecer essas dúvidas e tantas outras encontradas na análise de nossa língua. Além disso, consegue nos fazer perceber que palavras e expressões tão estranhas, aparentemente, podem ser esclarecidas quando nos reportamos ao étimo latino.

O entendimento e conhecimento do latim e de toda a cultura que envolveu o povo romano na Antigüidade, pode favorecer a compreensão sobre nós mesmos, nossa própria cultura e nossa história. Verificamos, com ele, valores e tradições de outra época que, por vezes, se distanciam dos nossos e, em outras ocasiões, nos parecem tão familiares.

Alguns costumes e hábitos da Roma Antiga e todo o Império Romano continuam vivos no mundo moderno. Por isso, também, não nos abstermos de dizer que o latim sobreviveu ao longo dos séculos. Ele se constituiu, além disso, em língua universal por toda a Idade Média. E até bem pouco tempo, as missas eram todas rezadas em latim. Ainda hoje, os nomes científicos têm caráter universal, sendo apresentados com nomenclatura nessa língua.

Do mesmo modo, fazemos uso e nos deparamos com expressões e palavras latinas a todo momento. Basta observarmos o Direito Brasileiro que tem raízes, também, no Direito Romano. Trata-se de uma área bastante rica no uso desses termos, como os encontrados em Rónai (2001):

1. *Data venia* – concedida a vênua, a licença

2. *Habeas corpus* – que tenhas o teu corpo
3. *In dubio pro reo* – na dúvida, pelo réu
4. *Alibi* – alhures, noutra lugar. No Direito, ausência no lugar do crime, que é provada pela presença em outro lugar.
5. *Vade mecum* – vem comigo
6. *Verba legis* – palavras da lei
7. *Verbo ad verbum* – palavra por palavra
8. *Veredictum* – veredito
9. *Versus* – contra
10. *Vis absoluta* – violência absoluta
11. *Vis corporalis* – violência física
12. *De iure* – de direito
13. *Dura lex, sed lex* – A lei é dura, mas é lei
14. *De fide* – de fé
15. *De facto* – de fato
16. *De cuius* – morto, falecido
17. *Corpus delicti* – corpo de delito
18. *Consumatum est* – acabou-se
19. *Conditio sine qua non* – condição sem a qual não se faz nenhum acordo
20. *Bona fide* – em boa fé
21. *Ad rem* – afirmativa direta à coisa
22. *Ex lege* – de acordo com a lei
23. *Ex iure* – conforme o Direito
24. *Ex more* – conforme o costume

No nosso cotidiano, somos sempre levados a citar ou fazer uso de expressões latinas como: *curriculum vitae* (corrida, carreira da vida), que resume nossas experiências acadêmico-profissionais; *Post Scriptum* ou *P.S.* (depois de escrito), que serve para acrescentar algo em nossas cartas, depois de terem sido assinadas; *causa mortis* (causa da morte), utilizada para indicar motivo causador da morte de uma pessoa; *in memoriam* (em memória), como dedicatória a alguém que já morreu; *modus vivendi* (modo de viver), para designar a forma de se viver de alguém ou de uma comunidade; *tabula rasa* (tábua rasa), designando aquele sem conhecimento prévio; *carpe diem* (aproveita o dia, a vida), expressão latina, máxima da filosofia herdada do poeta romano, Horácio. Sem falar em expressões usuais, como *ab initio* (do início); *ad aeternum* (para eternidade); *mens sana in corpore sano* (mente sã em corpo são); *ad ovo* (do ovo, ou do início); *in loco* (no lugar).

Muitas outras palavras e expressões são utilizadas literalmente por nós, sem que percebamos ou indaguemos a sua origem. Como exemplo, as empregadas principalmente, em discursos mais formais, ou em linguagens acadêmicas: *ipsis litteris* (com as próprias letras, com as próprias palavras), quando se faz referência a citações diretas de algum autor ou de alguém. Do mesmo modo, a expressão *in verbis* (nas palavras), para introduzir uma citação. Temos, também, *apud* (em, junto de), muito usado em referências bibliográficas; *idem* (o mesmo) e *ibidem* (no mesmo lugar), para evitar repetições; *et alli* (e outros), para indicar que existem mais de três autores na bibliografia consultada. E o *et cetera* ou etc. (e o resto, e outros), amplamente empregado em nossos textos.

Nos cursos superiores e nas Pós-Graduações, muitas vezes nos deparamos com palavras como: *lato sensu* (em sentido amplo); *stricto sensu* (em sentido restrito); *cum laude* (com louvor); *corpus* (corpo); *campus-campi* (campo, campos), entre outras.

Ainda no contexto da educação, podemos reconhecer a etimologia latina de algumas palavras: *cognoscere* (conhecer), que deu origem a conhecimento, cognoscente etc.; *discere* (aprender), deu origem a discente, discípulo; *docere* (ensinar) originou docente; *magister, magistra* (professor, professora), deram origem às palavras, mestre, mestra, magistral, magistério; *sapiens, sapientia* (sábio, sabedoria), deram origem à palavra sapiência; *prendere* (agarrar, atingir, prender) e com o mesmo radical, *apprehendere* (agarrar, apanhar, aprender) e *comprehendere* (apanhar, tomar juntamente, compreender), *condiscere* (aprender com alguém); *addiscere* (acrescentar ao que se sabe, aprender além do que se sabe); *alumnus* (discípulo, pupilo - o que recebe lições de aluguem; o que foi iluminado), originando os nossos vocábulos aluno, alunado; assim como *discipulus* (discípulo).

Verificamos, dessa forma, que inúmeras palavras de nossa língua têm relação direta com o léxico latino. Por outro lado, precisamos de um conhecimento um pouco mais profundo do latim, para percebermos essa ligação em muitos outros termos. Muitos vocábulos latinos sofrem, com a evolução da língua, supressões, acréscimos e transposições de letras, por exemplo, que os tornam um pouco distantes da origem. São diversos os casos em que uma consoante intervocálica sofre uma síncope (queda interna), assim como consoantes ou vogais finais podem sofrer apócope (queda final). Em *colorem*>cor podemos verificar a queda do *l* intervocálico e do *e* e *m* finais. O mesmo ocorre em *dolorem*>dor.

O acréscimo pode ser observado em palavras como *stella*>estrela, que sofre epêntese (acrécimo do *r* internamente); *spirito*>espírito, que sofre prótese (acrécimo do *e* no início da palavra). E, também, nos casos de troca de posição, como em *semper*>sempre, que sofre metátese (transposição na mesma sílaba) ou como *tenebra*>treva, que sofre hipêntese (transposição de letras em sílabas diferentes).

Ainda temos os casos das palavras da língua portuguesa chamadas de eruditas, pois retomam os radicais latinos. Ouvir, por exemplo, em latim era *audire*, por isso encontramos no português as palavras audição, auditivo (com a presença do *d* e não do *v*); campo era *ager* e temos, na nossa língua, agrário, agricultura; árvore era *arbor*, no português encontramos arborizar. O mesmo ocorre em palavras como:

1. *Luna* > lua – lunático (com n)
2. *Colore* > cor – colorido, colorir (com l)
3. *Dolore* > dor – dolorido (com l)
4. *Aqua* > água – aquário, aquático (com q)
5. *Natare* > nadar – natação (com t)
6. *Sapiens* > sábio - sapiência (com p)
7. *Aequale* > igual – eqüidade (com q)
8. *Mense* > mês – mensal, mensalidade (com n)
9. *Rota* > roda – rotatório (com t)
10. *Vita* > vida – vital, vitalidade (com t)

11. *Rana* > rã – ranicultura (com n)
12. *Manu* > mão – manual (com n)

Uma outra evolução interessante do latim para o português encontramos na forma denominada Particípio Presente, que apresentava o sufixo *nt*, como característica. Como era uma das formas nominais do verbo, continha aspectos do próprio verbo, mas também, características do nome. Assim, evoluiu, em alguns casos, para adjetivos no português. Exemplos: *Amante* (aquele que ama), era particípio presente do verbo *amare* (amar); *vidente* (aquele que vê), particípio presente do verbo *videre* (ver); *discente* (aquele que aprende), particípio presente do verbo *discere* (aprender); *docente* (aquele que ensina), particípio presente do verbo *docere* (ensinar).

Essa língua considerada morta e perdida no tempo está presente nas mais modernas tecnologias e na ciência. Usamos *in vitro* (em vidro), para fazer referência à fecundação em vidro. Utilizamos o verbo deletar na linguagem de informática, o qual veio de empréstimo do inglês que, por sua vez, tomou emprestado o étimo do verbo latino *delere* (destruir). Denominamos de *Homo Sapiens* (homem sábio) e *Homo Erectus* (Homem ereto), algumas evoluções de nossa espécie, e assim por diante.

Como podemos perceber, ao analisarmos as duas línguas, podemos considerar a língua latina como sintética (resumida) em relação à língua portuguesa, que é analítica (complexa). Isso porque as línguas românicas, como evolução do latim, passaram a enriquecer, por exemplo, algumas classes gramaticais, como a das preposições. Conferindo, assim, um caráter mais analítico às primeiras.

Contudo, percebemos o caráter sintético do latim no grau comparativo de alguns adjetivos portugueses: *melior* (melhor); no lugar de “mais bom”; *peior* (pior), no lugar de “mais ruim”; *minor* (menor), no lugar de “mais pequeno”; maior (maior), no lugar de “mais grande”. Verificamos, assim, a utilização do sufixo – ior para designar a comparação. Ou seja, a forma sintética é utilizada nessas construções.

Já na voz passiva dos verbos, a língua portuguesa conservou apenas o caráter analítico que, no latim, era característica somente dos tempos *perfectum* (perfeito). Nos outros tempos, o latim apresentava desinências de número e pessoa específicas para essa voz verbal. Fato que desapareceu no português.

## CONCLUSÃO

Podemos dizer, avaliando este breve estudo, que o conhecimento do latim é, de fato, importante para o entendimento de nossa língua. Observamos que ainda existe, por parte de alguns, a valorização dessa língua, que a entendem como fonte de cultura e erudição. Entretanto, é pequeno o número de indivíduos com tal pensamento.

Quando alguém se diz estudante ou profissional da área da língua latina, o mais comum é ouvir-se o seguinte: “Qual a utilidade do latim?”, “Como você o usa na atualidade?”, “Como é possível empregá-lo, se já não é mais falado?”.

Aqueles que fazem uso do latim em seus estudos e prática profissional, entendem muito bem a questão do preconceito em torno disso. Por exemplo, uma pessoa que ingressa em um Curso de Letras, com habilitação em Português-Latim, sofre diversas vezes, discriminação relacionada à escolha feita. De uma forma geral, os outros não a entendem. Acreditam que, por se tratar de língua morta, não é relevante uma formação acadêmica com base nela. Desmerecem, assim, o seu estudo, desacreditando no uso prático. Logo, o estudante desse curso passa a sofrer de descrédito perante a sociedade, e, com isso, por vezes, acaba abandonando-o, ou tendo vergonha de assumi-lo como opção acadêmico-profissional.

Mesmo assim, os que acreditam no valor de uma língua que perpassou séculos, percebem a sua presença em muitos momentos da vida atual. Percebem o quanto o latim está vivo no nosso discurso cotidiano e como ele constitui o cerne da língua portuguesa. Conseguem entender que, com o seu conhecimento, muitas irregularidades e exceções da língua portuguesa, não o são na sua história, no estudo diacrônico.

Como vimos, com o estudo do latim, somos capazes de conhecer o étimo de muitas palavras portuguesas e, desse modo, compreendê-las melhor. Ele também possibilita o aprendizado de outras, com as mesmas raízes, como é o caso das línguas românicas e até mesmo de outras que dele não derivaram.

Portanto, somos levados a refletir sobre a importância, ou não, do estudo do latim. Como seria irrelevante a percepção trazida por ele da etimologia de nossos vocábulos? Como seria inútil o reconhecimento de nossa história, na história que dominou parte do mundo, por uma época? Seria negar o passado e a verdade. Seria negar a alma de nosso idioma.

Diante de tudo isso, como não aceitar o latim, principalmente nos nossos cursos de graduação em Letras, os quais têm como princípio o ensino das letras, das línguas e, efetivamente, da língua portuguesa – “a última flor do Lácio”, ou melhor, uma das remanescentes da língua da Antiga Roma.

## **SOBRE O AUTOR**

Bacharel e Licenciada em Português-Latim, pela UFRJ e Especialista em Língua Latina, pela UERJ - UNIABEU – Centro Universitário  
Endereço Eletrônico: [profa.sandra.vasque@click21.com.br](mailto:profa.sandra.vasque@click21.com.br) e [joinfo@ig.com.br](mailto:joinfo@ig.com.br)

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. História e estrutura da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de gramática Histórica. 7. ed. Rev. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1982.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. Gramática Histórica. 7.ed. São Paulo: Ática, 1971.

ELIA, Sílvio. Língua e literatura. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1971.

FARIA, Ernesto. Gramática superior da língua latina. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FARIA, Ernesto. Dicionário escolar latino-português. 6. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1991.

RÓNAI, Paulo. Curso básico de latim. Gradus primus. São Paulo: Cultrix, 1995.

RÓNAI, Paulo. Não perca o seu latim. Col. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

TEYSSIER, Poul. História da língua portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1990.